

Editorial

A interdisciplinaridade parece firmar-se como uma das grandes referências de nossa era. Neste sentido, a seção Diálogos e Fronteiras permite a interconexão de áreas e práticas em termos de pesquisa, reflexão e propostas de trabalho levadas a efeito.

A primeira contribuição é de Bruna Martins Reis, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que traça uma reflexão a partir da técnica Klaus Vianna em relação a Saúde Mental. Ainda no âmbito corporal, o pesquisador André Luiz Lopes Magela, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), empresta da filosofia conceitos que permitem a abordagem somática no contexto de ensino da atuação no teatro. Já o terceiro artigo é de autoria de Fernanda Colaço e Denise Coutinho, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e como que complementando o primeiro texto traz reflexões sobre a linguagem teatral num processo de criação com usuários de saúde mental.

A partir da mitologia grega e de conceitos levantados por grande pensadores do Ocidente, as pesquisadoras Aline Nunes de Oliveira e Grácia Maria Navarro, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), tratam do espaço das artes no âmbito acadêmico. Finalizando a primeira seção, presença e partilha como constituintes da obra artística compõem a base da reflexão de Milene Lopes Duenha e Cecília Lauritzen Jácome Campos, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

A segunda seção traz um dossiê na área de voz para o ator, organizado por Adriana Fernandes. Nela estão reunidos seis autores com diferentes experiências e perspectivas com relação ao trabalho vocal na criação de personagens e de performances. O intuito é expor e ampliar as possibilidades de abordagem do tema.

Os autores transitam num território interseccional que envolve duas artes, operando em dois sentidos: música-teatro-música e/ou teatro-música-teatro. A essas artes soma-se uma terceira manifestação: a performance. Portanto, o que se busca é a reunião de abordagens que permeiam a questão da voz do ator num contexto híbrido de teatro, música e performance, voltados para a subjetividade que cerceia os processos de criação do som e da cena.

O primeiro artigo, de Marcus Borja, atualmente vinculado a instituições francesas, relata uma experiência performativa sonora e sensorial desvinculada do

sentido visual: a escuta e a audição como eixos norteadores do experimento. No segundo artigo, a questão da escuta é ressaltada por Ana Wegner, ligada a órgãos de pesquisa no Brasil e na França, a partir das perspectivas de quatro importantes preparadores vocais conhecidos mais pelo “vozeamento” do que pela escuta – esta última um fator presente no ato da fala, que comumente passa despercebido e desvalorizado. No texto seguinte, de autoria de José Batista (Zebba) Dal Farra Martins, da Universidade de São Paulo (USP), num texto estruturado poeticamente somos levados a perceber as relações entre a escuta, a escrita e a polifonia da atuação na criação cênica, permeados pelo silêncio e gestos mudos, ausências e presenças.

Os dois artigos seguintes partem de trabalho de campo. O texto de Fernando Aleixo, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), é baseado em relatos de experiências e investiga o que pode haver de sagrado e ritualístico na voz, no corpo e na performance. Trazendo elementos sonoros da cultura popular para se pensar a performance, o artigo de Ary Giordani, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), parte do ponto de vista da sociabilidade e da identidade, demonstrando como as formas de poetização das modas e o uso de instrumentos atualizam os padrões culturais do Fandango. Aprofundando a questão da poesia levantada por Giordani em seu texto e aplicando-a num trabalho mais pontual (e ainda assim subjetivo) na formação do ator-compositor, o artigo de Adriana Fernandes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), fecha o dossiê.

A Editoria